



Fotografia de Dinauro Esteves. Fonte: Alcilia Afonso.2024.

DINAURO ESTEVES: UM DISCIPULO DE CASTRO & ESTEVES

DINAURO ESTEVES: DISCIPLE OF CASTRO & ESTEVES

DINAURO ESTEVES: DISCÍPULO DE CASTRO & ESTEVES

Por: **AFONSO, ALCILIA¹**; **MORAIS, LARISSA²**; **HENRIQUE, HÊNIO²**;

1. Doutora em projetos arquitetônicos. Professora adjunta do CAU UAEC CTRN UFCG; e-mail:kakiafonso@hotmail.com

2. Alunos da graduação em arquitetura e urbanismo. CAU UAEC CTRN UFCG
E-mails: larissa.monteiro@estudante.ufcg.edu.br, henio.henrique@estudante.ufcg.edu.br

ENTREVISTADO: DINAURO ESTEVES
ROTEIRO, TEXTO, ENTREVISTADORA, EDIÇÃO E REVISÃO DA ENTREVISTA: ALCILIA AFONSO
TRANSCRIÇÃO: LARISSA MORAIS E HÊNIO HENRIQUE
FOTOS: ALCILIA AFONSO E BRUNA TEIXEIRA
DATA: 12 DE OUTUBRO DE 2024

Antes de iniciar a conversa com o arquiteto Dinauro Esteves, que ocorreu em sua casa de praia, na Enseada dos Corais, litoral sul de Pernambuco, numa manhã de sábado, no dia 12 de outubro de 2024, onde fui conduzida pela sua sobrinha, a engenheira Bruna Teixeira, será repassado aqui, em nível de informações, alguns dados de sua biografia que consegui extrair através dessa entrevista.



Registros da visita à casa do arquiteto na praia Enseada dos Corais. Fotos: Bruna Teixeira e Vólia Teixeira. Outubro.2024

O arquiteto e professor Dinauro Esteves Filho, nasceu em 21 de agosto de 1948, em Recife, e sempre viveu, até a sua juventude, no bairro da Várzea, onde estudou em colégios no bairro, indo posteriormente para o Colégio Salesiano, onde ficou até prestar vestibular. A partir de 1967 começou a cursar arquitetura e urbanismo na Faculdade de Arquitetura do Recife (Universidade Federal de Pernambuco/UFPE), que funcionava em um imóvel na Av. Conde da Boa Vista, graduando-se em 1971. Em 1973, casou-se com Vólia Teixeira, artista plástica e teve três filhas.

Optou por estudar arquitetura influenciado por seu tio, o renomado arquiteto e professor pernambucano, Reginaldo Esteves (1930-2012), que manteve contato desde o ano de 1957, ainda criança, quando se encantou pelos desenhos do seu tio, carinhosamente apelidado de Nado, que foi sua principal influência. Foi aluno de Delfim Amorim, Glauco Campelo, Marcos Domingues, Mauricio Castro, Reginaldo Esteves, Wandenkolk Tinoco, tendo sido monitor de Mauricio Castro na disciplina de sombras e perspectivas.

Desde seu primeiro dia de aulas no curso de arquitetura, segundo depoimento dado (Esteves, 2024), começou a estagiar na empresa Castro & Esteves, de propriedade de Reginaldo Esteves e Mauricio Castro no ano de 1967, aos 19 anos, no escritório que era excelência na época e que funcionava no Edifício Igarçu.

Participou ainda como estudante, de projetos simbólicos como o da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco; a fábrica da Pirelli Norte, atual Ferreira Costa; a Fábrica de carros Willys; a antiga Celpe, sempre atuando como “copista”, passando a limpo para o nanquim, os desenhos de Reginaldo feitos a lápis, desenvolvendo projetos arquitetônicos, detalhes, seguindo sempre as orientações criadas por Reginaldo Esteves e Mauricio Castro- bem como desenvolvendo estudos detalhados de insolação, ventilação, lembrando que *“Mauricio era muito mais teórico que prático, enquanto Reginaldo era mais da prancheta, dos desenhos”* (Dinauro Esteves, 2024).

Dinauro Esteves foi adquirindo experiência prática na empresa, tendo sido responsável também, pelo desenvolvimento de perspectivas que possuíam grande importância na apresentação e representação gráfica, além de todo o trabalho de desenvolvimento projetual, com detalhamentos que eram a marca do escritório naqueles anos, com obras de grande importância na cidade.

No escritório, ele admite não ter pessoalmente nenhuma abordagem teórica, mas sim prática, vinda das demandas funcionais e formais. Dinauro frisa que nos trabalhos maiores, contava ainda com o apoio extra dos colegas Ênio Eskinazi e Adolfo Jorge, que contribuíram nas várias etapas do processo projetual das obras. Explicou que o uso do concreto em seu vocabulário arquitetônico, entrou pela possibilidade de moldagem, a busca pela esbeltez, a liberdade formal.

No projeto arquitetônico da CHESF teve papel preponderante no desenvolvimento da obra, feito em parceria com Maurício de Castro, que o convidou para desenvolver o trabalho, que é um dos principais exemplares da linguagem brutalista em Recife.



Foto: Alcilia Afonso. Setembro de 2024.

A obra da sede da Companhia Hidrelétrica do São Francisco / CHESF (1975-76), que possui como nome oficial, Edifício Presidente André Falcão. Dessa forma, a obra foi iniciada no dia 15 de novembro de 1975 e concluída em 20 de julho de 1977, quando era presidente o Sr. André Dias de Arruda Falcão Filho. A empresa de arquitetura foi a Castro & Esteves, sendo responsáveis os arquitetos Maurício Castro, com a colaboração do arquiteto Dinauro Esteves. A empresa que construiu foi a Queiroz Galvão, sendo os engenheiros responsáveis, Antônio Queiroz Galvão e José Marcos de Mello.



Edifício da CHESF. Fotos: Alcilia Afonso. Setembro de 2024.

A partir de 1973 começou a ensinar no centro de artes e comunicação/CAC, no Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística, onde ficou até se aposentar.

ALCÍLIA AFONSO: Nossa conversa é com o arquiteto Dinauro Esteves, que vai retomar alguns fatos importantes de sua trajetória profissional, juntamente com os mestres Reginaldo Esteves e Maurício de Castro, e outros que, certamente, vão aparecer aqui na conversa. Tudo bom, Dinauro?

DINAURO ESTEVES: Tudo bom.



Dinauro Esteves. Foto: Alcilia Afonso. Outubro de 2024.

ALCÍLIA AFONSO: Muito obrigada por estar recebendo a gente aqui. Quero, também, agradecer à Bruna, que fez essa ponte e está proporcionando essa nossa conversa. Você pode nos dizer o seu nome completo, e nos falar um pouco de sua família?

DINAURO ESTEVES: Meu nome é Dinauro Esteves Filho, filho de Dinauro Esteves e Jalva Rodrigues Esteves. Nasci no dia 21 de agosto de 1948, em Recife, o que fez, do mês de agosto, o mês mais importante para mim, pois meu pai, eu e minha mãe nascemos em agosto. E isso o tornou, sem dúvida, o mês mais importante do ano para mim.

ALCÍLIA AFONSO: Quantos irmãos você tem?

DINAURO ESTEVES: Eu só tenho duas irmãs. A primogênita, Maria Auxiliadora Rodrigues Esteves de Araújo, que é conservadora e mantém todos

os nomes. E a caçula, Ana Rosarina Rodrigues Esteves: as duas moram em Brasília.

ALCÍLIA AFONSO: E onde você estudou, quando era jovem?

DINAURO ESTEVES: Eu comecei estudando no colégio Mazzarello das Freiras da Várzea. Estudei até os 10 anos e já fui uma exceção, pois era um colégio feminino e como eu tinha uma conduta exemplar, eu fui tolerado até os 10 anos de idade. Eu era muito disciplinado. Saí do Mazzarello e fui para o Mário Carneiro, Ginásio da Várzea Mário Carneiro.

ALCÍLIA AFONSO: Você morava na Várzea?

DINAURO ESTEVES: Morei na General Polidoro, 164. Era uma região de engenho e naquela época, o mais importante da região era o Engenho Caxito.

ALCÍLIA AFONSO: Como você optou por estudar arquitetura?

DINAURO ESTEVES: Foi uma escolha influenciada subliminarmente pelo Reginaldo Esteves (...) Mamãe e a família inteira, sempre tiveram uma admiração pelo Reginaldo, e eu absolvi esse mérito.



Reginaldo Esteves. Fonte: Alcilia Afonso. 2004

ALCÍLIA AFONSO: Ele era seu tio por parte de pai ou de mãe?

DINAURO ESTEVES: Dos dois lados, porque os meus pais eram primos de primeiro grau. Reginaldo era o irmão caçula dos filhos do meu avô Oscar, que morava no Engenho Tranquilidade, tinha família grande. Os dois

últimos filhos, Reginaldo, o caçula dos homens, e mamãe, a caçula das mulheres. Então, o que era laço familiar foi além disso. Essa admiração toda. Então eu sempre ouvia falarem do “Nado”, apelido que ele era chamado na família.

ALCÍLIA AFONSO: Quando foi seu primeiro contato com Reginaldo Esteves?

DINAURO ESTEVES: A primeira imagem que me vem à mente de “Tio Nado”, foi na casa do Candeias, por volta de 1957. Ele já tinha, como estudante, feito o desenho da casa de veraneio da nossa família. (...) Era um estilo funcional.

ALCÍLIA AFONSO: A casa ainda existe?

DINAURO ESTEVES: Ainda existe. Fica em Piedade.

ALCÍLIA AFONSO: Como você teve seu primeiro contato com Reginaldo Esteves?

DINAURO ESTEVES: Tive o primeiro contato quando Reginaldo foi passar umas férias lá conosco. Armou uma prancheta, depois eu vim saber a marca, eu achava um nome muito complicado e não sabia pronunciar, muito rara e proporcionava um excelente desenho. Então, ele lá sentado na prancheta fazendo os desenhos. Ele me dava atenção, mas eu olhava muito mais para os desenhos que ele fazia. Então, do ponto de vista presencial, o meu primeiro encontro com o Reginaldo deve ter sido em 1957, quando eu tinha 11 anos.

ALCÍLIA AFONSO: E daí, por diante?

DINAURO ESTEVES: Daí, eu me encontrava com ele. Reginaldo se casou, foi morar nas Graças.

ALCÍLIA AFONSO: E quando você entrou para cursar arquitetura, foi aonde? Qual era o prédio que estava funcionando a faculdade?

DINAURO ESTEVES: Estava na Conde Boa Vista, e iniciei no ano de 1967, encerrando em 1971.

ALCÍLIA AFONSO: E quais foram os professores, na época, que te marcaram?

DINAURO ESTEVES: Delfim Amorim. Borsoi, eu não fui seu aluno, mas eu “piruava” as aulas dele. Fui aluno de Glauco Campelo, Marcos Domingues, também excelentes professores.

ALCÍLIA AFONSO: E o Reginaldo Esteves? Ele já era professor.

DINAURO ESTEVES: Fui aluno dele no primeiro período

ALCÍLIA AFONSO: Quando você começou a trabalhar com arquitetura?

DINAURO ESTEVES: Desde o primeiro dia em que entrei na faculdade. De manhã, fui para a faculdade e de tarde, fui estagiar em Castro & Esteves. Foi o seguinte, de manhã eu fui para a minha primeira aula na faculdade, conheci meus professores, e tive minha primeira aula com Delfim Amorim. Quem já era monitor, era o Wandenkolk, de quem me tornei amigo e parceiro.

ALCÍLIA AFONSO: E já tinha a empresa Castro & Esteves? Você iniciou seu estágio lá?

DINAURO ESTEVES: Já. Iniciei meu trabalho na empresa em março de 1967.

ALCÍLIA AFONSO: E onde era essa empresa?

DINAURO ESTEVES: Era no edifício Igarassu, 13º andar, sala 131, e pertencia ao meu tio Reginaldo Esteves e seu sócio, Maurício Castro.



Mauricio Castro. Fonte: Alcilia Afonso. 2004

ALCÍLIA AFONSO: E eles já eram professores nessa época também?

DINAURO ESTEVES: Maurício foi da primeira turma de arquitetura. Reginaldo foi da terceira turma. Naquela época, não existia prova de seleção para professores, era indicação

preferencialmente, de um catedrático. E Reginaldo foi indicado pelo Evaldo Coutinho.



A primeira turma do curso de arquitetura: O professor Mário Russo (último à direita) com os alunos Maurício Castro, Heitor Maia Neto, Everardo Gadelha, nos anos 50. Fonte: FUNDAJ

ALCÍLIA AFONSO: E o Maurício de Castro foi indicado por quem?

DINAURO ESTEVES: Não sei.

ALCÍLIA AFONSO: E quem estagiava mais com você no escritório?

DINAURO ESTEVES: Veja bem, de estagiário só tinha eu, de desenhista profissional tinha Eladio, um grande desenhista.

ALCÍLIA AFONSO: O que você começou a desenvolver dentro do escritório?

DINAURO ESTEVES: Primeiro, aprendi a normografar. Normógrafo com régua, Leroy...Depois, você vai cobrir desenhos a lápis.



Estojo de normógrafo da marca Leroy. Fonte: <https://www.antiguidadesdomestre.com.br>

ALCÍLIA AFONSO: Então, você cobriu os desenhos a lápis e normografava. E você chegou a desenvolver, quando estudante, algum daqueles projetos?

DINAURO ESTEVES: Desenvolvi.

ALCÍLIA AFONSO: Você lembra quais foram os primeiros projetos que você atuou com eles dois?

DINAURO ESTEVES: Com o Reginaldo, fiz algumas residências. Mas o primeiro de relevância foi a fábrica Pirelli Norte, atual Ferreira Costa. Aquela fábrica, praticamente, eu desenhei toda ela.

ALCÍLIA AFONSO: Então você desenhou toda a fábrica da Pirelli? E da Williams, você chegou a participar?

DINAURO ESTEVES: Também.

DINAURO ESTEVES: Mas me lembro que na fábrica da Williams, exatamente, desenvolvemos uma proposta de separar o bloco administrativo do bloco industrial, colocar sobre o pilotis para incorporar o estacionamento para poder liberar a área verde.

ALCÍLIA AFONSO: Como se dava a participação de Mauricio Castro no escritório?

DINAURO ESTEVES: Veja bem, Maurício sempre foi muito mais teórico do que prático. Não é? Eu tive uma convivência longa com ele, e se alguém me perguntar, Dinauro “quantas vezes Maurício chegou ao lado da prancheta”, eu me lembro, no máximo, três vezes. Ele nos chamava até sua sala, onde era o ambiente dele de trabalho.

ALCÍLIA AFONSO: Qual era o seu papel dentro do escritório? O que você desenvolvia? Você falou que Maurício tinha mais a questão conceitual, o Reginaldo botava a mão na massa também?

DINAURO ESTEVES: Direto. Muito bem. Desenhava tudo. Veja, já tive a oportunidade de vê-lo fazer. E, naquela época, toda vez que aumentava o volume de trabalho, se chamavam alguns desenhistas. Os primeiros que eu conheci, foram dois estudantes de arquitetura, Adolfo Jorge e Ênio Eskinazi, que eram excelentes desenhistas. Então, qual era o meu papel na época? Eu era o que seria hoje um desenhista copista. Então, por exemplo, eu passava a limpo,

os detalhes, feitos a lápis, e finalizados a nanquim.

ALCÍLIA AFONSO: Quem fazia primeiro o desenho a lápis?

DINAURO ESTEVES: Veja, o desenho a lápis, por exemplo, os detalhes, era o Reginaldo, que era mestre em detalhamento. Então, ele fazia aqueles detalhes em papéis pequenos, recortava e fazia uma montagem em cima daquela prancheta para fazer a composição dos espaços e aquela lógica.

Então, ele fez umas duas para mim e, a partir daí, eu, desenvolvia. Diagramava. Então, eu sou detalhista. Eu pegava aqueles alinhamentos.

ALCÍLIA AFONSO: Você fazia perspectiva também?

DINAURO ESTEVES: Fazia.

ALCÍLIA AFONSO: E o Reginaldo também?

DINAURO ESTEVES: Muito bem.

ALCÍLIA AFONSO: O Maurício Castro fazia?

DINAURO ESTEVES: Não. Ele dava aulas de perspectivas no curso, com muita maestria. Inclusive, fui monitor dele. Quando acabava a parte teórica, ele dava um exercício prático. Dava uns passeios ligeiros e dizia, agora é com o Dinauro. Aí eu aprendi a fazer perspectiva, deixei de fazer aquele desenho de cópia que qualquer um fazia.

ALCÍLIA AFONSO: Você passou a fazer as perspectivas.

DINAURO ESTEVES: Porque era remunerado três vezes mais que a produção de desenhos técnicos, e pouca gente fazia.

ALCÍLIA AFONSO: E a gente vê muito nos projetos, quase todos têm uma prancha com a perspectiva. E são lindas.

DINAURO ESTEVES: Deixa-me lhe dizer, só para não escapar. Eu estava cursando o terceiro ano. Já tinha sido monitor de Maurício, durante um ano, aí surgiu o concurso para a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, lá no Treze de Maio

Gildo Montenegro estava coordenando o concurso, e determinou que a proposta

contemplasse perspectivas contendo vistas da integração com o conjunto composto pela Instituto de educação: “quero a proposta de cada um dos componentes em pontos estratégicos”. Ele deu quatro pontos, para que cada competidor escolhesse dois. Agora, definir o ponto e altura de observação, e dizia o seguinte, “se falsear a perspectiva está eliminado”.

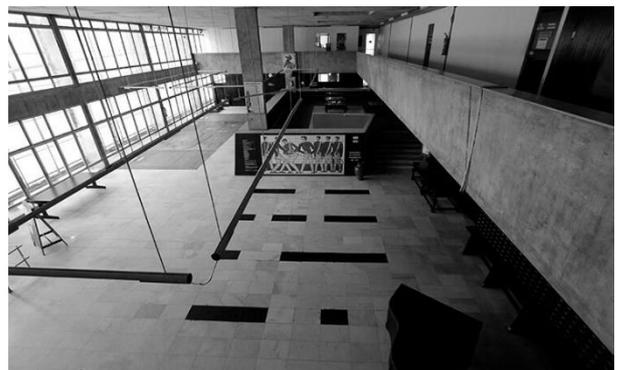


Edifício da Biblioteca Pública Estadual. Fonte: <https://visit.recife.br/>

ALCÍLIA AFONSO: Então você participou do projeto da biblioteca?

DINAURO ESTEVES: Participei desenhando as perspectivas que poderiam eliminar o nosso escritório.

ALCÍLIA AFONSO: Que responsabilidade! O concurso na sua mão, se as perspectivas estivessem erradas.



Edifício da Biblioteca Pública Estadual. Fonte: <https://visit.recife.br/>

ALCÍLIA AFONSO: Vamos falar um pouco sobre os sistemas construtivos do escritório Castro & Esteves. Observei que os projetos do escritório no final dos anos 60, adotaram, o concreto armado,

como sistema construtivo, e uma linguagem brutalista, que a gente conhece como uma nova sensibilidade.

A escola do Recife onde você estudou, com esses professores, sempre adotavam uma modulação, uma atenção à estrutura, aos problemas climáticos, com a adoção de pátios, o uso de varanda.

Mas, observa-se que em meados dos anos 60, projetos como os da biblioteca, o do clube esportivo do Santa Cruz e outros prédios que vão surgir na cidade começam a tirar partido da estrutura à mostra. E aí o concreto armado começa a aparecer aparentemente em pilares, vigas, escadas.

Sendo construídas obras adotando essa linguagem, tais como a sede da antiga REFSA (1968-1970), a sede da antiga CELPE, de 1971. Queria que você me falasse, por que os escritórios, e você que estava lá dentro, começaram a aderir a essa nova linguagem. Como se deu essa passagem?

DINAURO ESTEVES: Na época, eu confesso a você, em matéria de linha da arquitetura, a gente deu por menos, não mergulhava muito. Hoje em dia, eu acho que as abordagens são muito mais profundas, eu acho.

ALCÍLIA AFONSO: Como é que era na época?

DINAURO ESTEVES: Você tinha o seguinte, o orgânico. Era o organicismo e o brutalismo. O brutalismo, como linguagem do pós-guerra e toda aquela justificativa.

ALCÍLIA AFONSO: A verdade dos materiais, a madeira natural, concreto aparente.

DINAURO ESTEVES: A ideia de usar o concreto foi adotada pela expressividade do material e pela possibilidade de ele ser moldado.

A possibilidade de moldagem dava a liberdade da proposta: a busca da esbeltez. Como, por exemplo, foi realizado no projeto da CELPE, desenvolvido por Reginaldo Esteves e Vital Pessoa de Melo.

Fui convidado por Reginaldo Esteves para colaborar no desenvolvimento do projeto. Desenvolvi os gráficos de insolação para o detalhamento dos brises.



CELPE. Fonte: Alcilia Afonso.2023



CELPE. Fonte: Alcilia Afonso.2023

ALCÍLIA AFONSO: Então, quer dizer que o detalhe do brise era todo em cima do gráfico solar. Vocês faziam primeiro todo o estudo solar, para desenhar o brise específico para atender aquele problema, que não era uma implantação aleatória.

DINAURO ESTEVES: Nem todo mundo fazia esse trabalho.

ALCÍLIA AFONSO: E trabalho importante, uma vez que fachadas inteiras possuíam tais peles?

DINAURO ESTEVES: Para a CELPE, foi pedido, e eu fiz. Entretanto, quanto àquelas soluções, aquelas articulações, a decisão final foi de Reginaldo e Vital.

ALCÍLIA AFONSO: Você lapidava os detalhes.

DINAURO ESTEVES: Exatamente. E lembro do detalhamento dos brises que fiz para o prédio da CHESF.



CHESF. Fonte: Alcilia Afonso.2023

ALCÍLIA AFONSO: Como se deu o seu trabalho para desenvolver a sede da CHESF, entre os anos de 1975 e 1976, com Mauricio Castro?

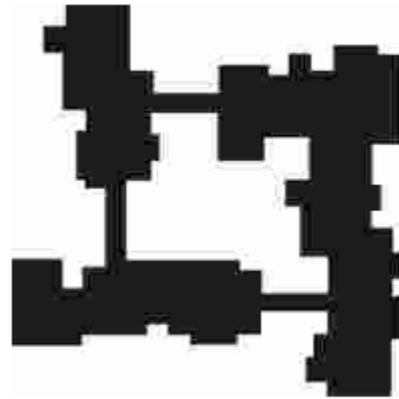
DINAURO ESTEVES: Nessa época, Reginaldo Esteves não participava mais da empresa, e ele foi amistosamente se separando de Mauricio, estando o escritório agora funcionando numa casa antiga no bairro da Capunga, de propriedade da família de Mauricio Castro.

Em 1972, Maurício recebeu um convite de doutor André Falcão, que era o presidente da CHESF para desenvolver o projeto e me convidou para trabalhar com ele nessa proposta.

Maurício sabia que eu era aquela pessoa da prancheta. Eu era o tocador. Ele me chamou, e perguntou, e evidentemente, eu aceitei, e disse que possuía um desejo particular nisso, pois meu pai foi funcionário da CHESF, e eu queria muito poder desenvolver uma proposta para a empresa na qual meu pai trabalhou, antes de seu falecimento precoce.

ALCÍLIA AFONSO: No projeto da CHESF, no desenvolvimento do partido, observa-se uma

planta com muita influência da desenvolvida por Reginaldo Esteves para o Centro de Artes e Comunicação da UFPE, adotando pátios, passarelas, além do uso do concreto aparente. Como você ver essa influência do Reginaldo no projeto da CHESF?



Forma da Planta esquemática da CHESF. Fonte: Cantalice,2009.

DINAURO ESTEVES: Foi uma interpretação do partido...

ALCÍLIA AFONSO: Por que tem muita semelhança na solução em planta.



Detalhes de brises da CHESF. Fonte: Alcilia Afonso.2023

DINAURO ESTEVES: Foi Maurício Castro, que havia realizado o prédio do DETRAN, e influenciado por um arquiteto internacional, se encantou com uma proposta de modulação e encaixes proposta por ele e quis usar o partido no projeto da CHESF também.

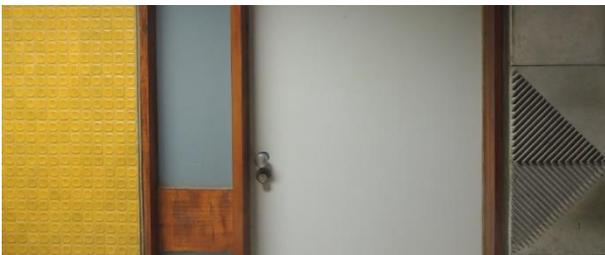
DINAURO ESTEVES: Desenvolvi o prédio com a possibilidade de crescer horizontalmente.

ALCÍLIA AFONSO: Tanto em planta, quanto em altura. Tem um jogo volumétrico muito interessante.

DINAURO ESTEVES: Exatamente, é aquele prédio, digamos, que nunca se conclui.

ALCÍLIA AFONSO: É verdade. Ele é escultórico, e muito detalhado: as escadas, esquadrias, o interior, a claraboia, os revestimentos.

DINAURO ESTEVES: Aquele projeto, só de arquitetura, ele tem 132 pranchas, tamanho A0.



Detalhes do interior da CHESF. Fonte: Alcilia Afonso.2024

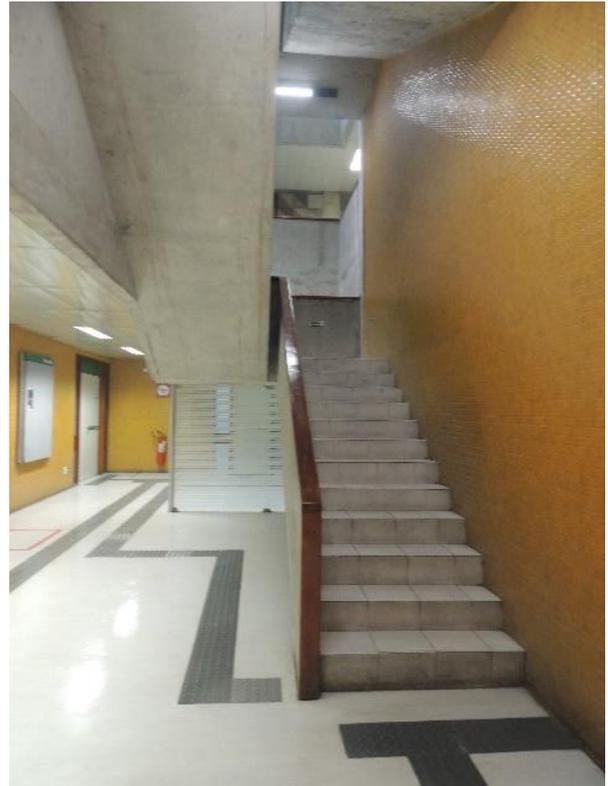
ALCÍLIA AFONSO: No projeto da CHESF, a gente vê pela solução projetual e construtiva, que é um projeto muito bem elaborado. Naquela época, os projetos não ficavam com uma cópia no CREA e na prefeitura?

DINAURO ESTEVES: Teoricamente, sim. Mas, para você ter ideia, o prédio da CHESF foi todo feito sem pedir uma licença.

ALCÍLIA AFONSO: Como os da Universidade Federal também, do mesmo jeito. O poder público quando quer, realiza de qualquer maneira.

Dinauro, agradeço aqui, a sua disponibilidade em conversar sobre essa convivência com os arquitetos e professores Reginaldo Esteves e Mauricio Castro, contribuindo para o resgate da historiografia da arquitetura pernambucana e nordestina.

Certamente, voltaremos a conversar mais sobre essas influências, bem como, sua importante participação nessa produção, gerando projetos arquitetônicos com uma excelente qualidade projetual e construtiva.



Detalhes do interior da CHESF. Fonte: Alcilia Afonso.2024



Detalhes escada em concreto da CHESF. Fonte: Alcilia Afonso.2024

E para saber mais sobre os dois profissionais:

AFONSO, Alcilia. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma Escola. *Arquitextos*, São Paulo, ano 09, n. 098.05, Vitruvius, jul. 2008 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.098/128>>.

AFONSO, Alcilia. Modernidade arquitetônica tropical: patrimônio arquitetônico moderno recifense e sua influência no nordeste brasileiro. 1 ed. Camaragibe, PE: Ed. da autora, 2022.

CANTALICE II, Aristóteles *Um brutalismo suave: traços da arquitetura em Pernambuco (1965-1980)*. Recife: Dissertação de mestrado MDU UFPE.2009.